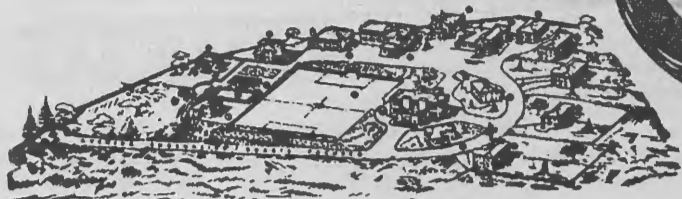




Gaiato

7 DE OUTUBRO DE 1967
ANO XXIV — N.º 615 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDAÇÃO: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINTANARIC
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



Esta é uma vista, quase geral da Aldeia de Malanje.

Falta o depósito da água. Faltam vacaria, pocilgas e estufas para o tabaco. Falta tudo o mais que se desbravou e começa a cultivar naquela quinta imensa de quase 500 hectares.

Faz em 16 de Novembro quatro

anos que lá chegámos, sem mais nada senão somente a certeza de que íamos a chamamento do Senhor, trabalhar em Seu Nome. O que Ele tem feito pelas nossas mãos pecadoras!

Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

Filhos ilegítimos?

Neste tempo de evolução para melhor (apesar de tantos exageros e disparates que por aí grassam) a mentalidade que domina não valoriza ainda suficientemente a omissão. Gosto do confiteor em rito bracarense por incluir expressamente esta modalidade de pecados, os quais, a julgar pelo Evangelho (Mateus, 25/31-46), são justamente a causa da eterna condenação.

Em perspectiva cristã, que logicamente podemos presumir seja a de um Povo cristão, parece-me pois de rever o conceito de malfeitor. O homem que se afirma cristão, implicitamente se confessa discípulo de Cristo. Ele, o Mestre dos homens de todos os tempos, foi no mundo o humilde «filho do Carpinteiro», de quem S. Pedro traçou o retrato com estas palavras: «passou fazendo o Bem». Se o Mestre assim fez ao passar, que outro programa há-de ter o discípulo para a sua passagem no mundo?! Aquele que não aprende a lição, ou, tendo-a aprendido, não é capaz de a repetir, é reprovado. Reprovação — eis, pois, o que merece todo o homem (pelo menos o cristão) que não se dá à tarefa e se não preocupa predominantemente com fazer o bem — a lição do Mestre que a cada um compete transmitir como súpula da sabedoria e da ciência eternas.

Se partirmos pois da sanção, encontraremos que malfeitor (a quem a sociedade reprova) é afinal o homem que não faz o bem e não apenas o que faz o mal. É racional que assim seja, uma vez que o mal é o não-bem e não fazer o bem é o mesmo que fazer algo que não é o bem, o que no plano das consequências tende para o não-bem que é o mal.

Todo este discorrer, que alguns talvez julguem pretencioso e a mim me parece evidentemente evangélico, vem a propósito do período seguinte àquele que transcrevemos há quinze dias, do texto em mãos várias vezes apresentado já:

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

A OBRA DA RUA EM Moçambique

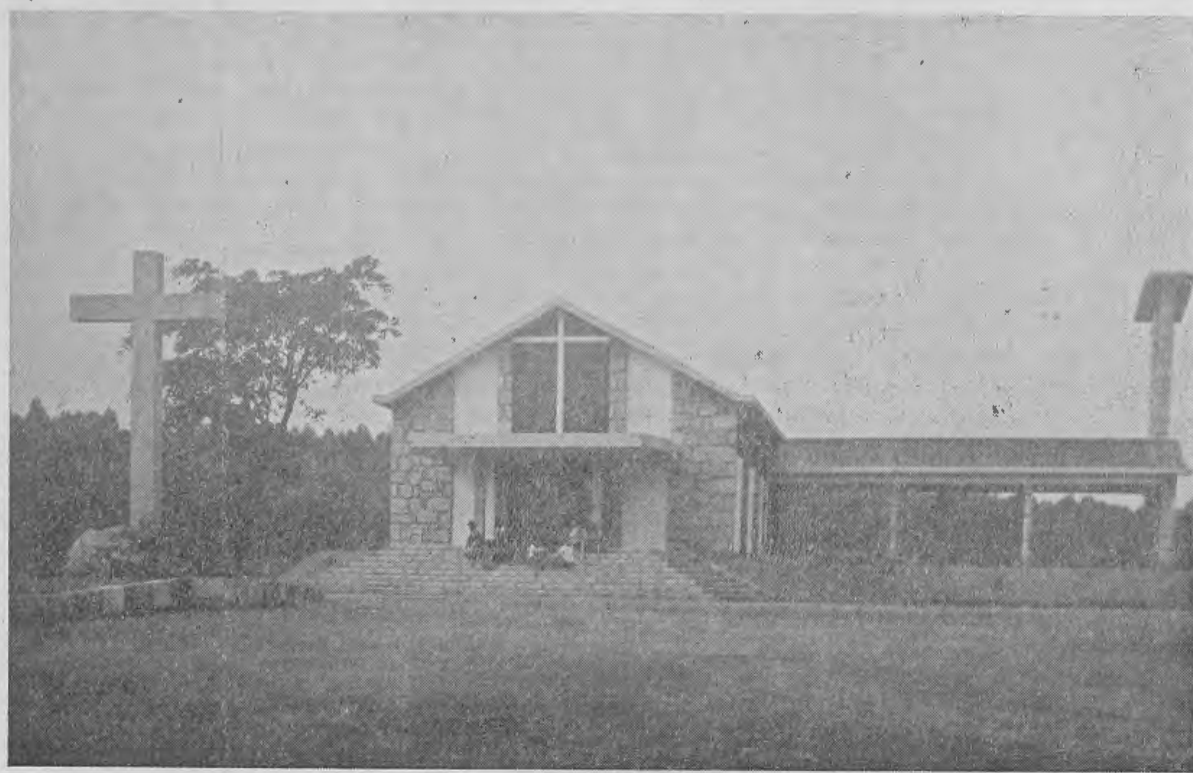
Confirma-se o 20 de Outubro para a partida dos nossos moçambicanos.

Fizemos aqui um apelo de coisas necessárias ou muito convenientes à nossa Casa e as respostas não têm sido muito eloquentes. P.e Zé Maria, em sua bondade sempre pronta a uma explicação favorável, sugere: — É tempo de férias. Os Senhores ainda não tiveram tempo de mandar suas lembranças.

Eu, que sou mais assomadoço, penso que não há, mas é, tempo a perder, pois os dias voam e o «Príncipe Perfeito» não espera!

Enquanto a preparação das coisas atrasa um nadinha nesta expectativa do que há-de vir ainda para emalar, cuidamos da preparação das almas, infinitamente mais preciosa. Ainda esta semana, se Deus quiser, o grupo estagiará em Azurara, procurando adquirir mais espírito de equipe e crescer na consciência da missão que agora nos leva a Moçambique, a mesma que quatro anos antes nos levou a Angola. De um dos africanistas de então, hoje na tropa, recebi há dias uma carta muito linda, repleta de votos de que os fundadores da Casa de Lourenço Marques ultrapassem por largo os seus irmãos de Benguela e Malanje, mas que, ao menos, lhes não fiquem atrás. Lembrei-me de Pai Américo e ouvi-o: — «Quem é o Humilde? — Humilde é o homem que se deixa ultrapassar». Que saboroso o desejo deste nosso, visando assim, com sinceridade e pureza, um bem maior, o melhor bem possível para a sociedade em que nos vamos inserir, mediante a pequenez sim, mas rica de intenção, deste, seus futuros cidadãos! Que jóias o lixo esconde!

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA



«A Capela é o Centro»

Aí está ela no lugar que Pai Américo lhe destinou nas nossas Aldeias, como nas nossas vidas.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Uma vez terminada a nossa estadia na Praia de Mira há já várias semanas, temos andado bastante preocupados com a nossa agricultura, principalmente agora com o milho, pois as batatas já estão nos celeiros e contamos que nos cheguem para o ano. O milho atrasou-se um pedaço e o Zai não se cansa de o regar.

Como este ano os das oficinas de Carpintaria e Serralharia têm tido muitas encomendas a despachar para os seus clientes, não têm tempo a perder com o campo e por isso, eu com um grupo lá temos andado a desfolhar e a apanhar as espigas para a eira, e a colher o feijão.

Temos tido uma faturinha de fruta, especialmente maçãs, e comemos delas a todas as refeições e à merenda. É uma consoladela para toda a malta.

Na semana passada faleceu a Mãe do Snr. Padre Horácio que era muito nossa amiga e gostava muito de cá vir passar uns dias connosco. Esta dizia que era a nossa avó. Na época das sementeiras era ela que nos cortava as batatas para depois semearmos e no tempo das vindimas gostava de vindimar connosco. Quando começava a apanhar da azeitona, cá a tínhamos a animar-nos.

No funeral tomaram parte muitos dos nossos rapazes e todos os nossos Padres.

Nós gostávamos todos muito de ir a casa dela, pois dava-nos sempre muitas coisas.

Temos rezado para que Deus a tenha em Paz.

Francisco Zé

BEIRE

Caros amigos leitores, é pela primeira vez que escrevo para o nosso jornal. Sou um principiante nestas coisas.

Sou novo, ainda não sei meditar as coisas que escrevo. Se alguma coisa encontrarem a mais ou menos os caros leitores desculparão.

Vou falar do nosso campo. O nosso campo tem corrido bem, isto é, o trabalho apesar de poucos rapazes que se encontram nele a trabalhar é para nós e para os próprios doentes do Calvário um grande bem. Já andamos com a faina das colheitas. Começamos pelas batatas. Embora a neve que caiu já no tempo da floração, graças a Deus ficamos satisfeitos depois. Continuando temos a dizer-vos que este ano tivemos muita fruta apesar das árvores ainda serem novas houve exemplares que metiam cobiça!

O feijão já está colhido. Temos perto de dois carros. Os nossos campos de milho parecem um jardim e todos os pés o menos que têm por cada unidade são duas espigas.

O NOSSO TROLHA — Agora mudando de assunto, para variar. O Cete há uns tempos que se aborreceu da ocupação que tinha, talvez julgando ser diplomado em culinária quis mudar de ofício. Das coisas que ele mais parece gostar é de ser trolha. Tapa buracos

dos ratos... Mas com tanta «saboria» que os buracos ficam na mesma. Vamos ter artista? Ou estará o caldo entornado?!

Carlos, o «Melgaço»

BENGUELA

Leitores amigos: é com grande alegria que me encontro a dar-vos mais uma vez, notícias desta nossa Casa em virtude de novamente cá me encontrar. Arranjei uns dias e... vi, ouvi e apreciei com os meus próprios olhos, as festas do Luso e Silva Porto, que muito me seduziram. Graças a Deus tudo tem corrido às mil maravilhas. O povo de Benguela e Lobito mostrou mais uma vez o carinho e amor por nós. No Luso, com menos uma festa que o ano passado, receberam-nos de braços abertos. Foi a um domingo à noite, que o magnífico povo desta cidade, cheio de esperanças no futuro, se mostrou mais uma vez com vontade de fazer algo pelos que necessitam.

Era nesta que me encontrava, quando pedi uns dias... Assim, lá fui com a caravana até Silva Porto.

Ainda no Luso eu vi quantas pessoas mais desejavam bilhetes para a nossa festa, mas em vão, pois se tivessem raciocinado naquele velho citadão, que diz para não deixarmos para amanhã o que podemos fazer hoje... Para estes, ninguém mais do que nós desejaria essas presenças, mas, para o ano se Deus quiser, aí estaremos novamente para não só vos matar saudades, como também, para que os que este ano ficaram em branco, possam então ajustar contas com o velho ditado. Não se esqueçam e logo que haja o mínimo conhecimento, marcar a nossa presença.

Silva Porto: cidade linda que cresce de dia para dia não só em valores materiais, como morais. Desta cidade, a notícia que vos dou não se parece com a de um ano atrás. Nós o dissemos e assim foi, a semente foi lançada e o Senhor resolveu o resto. Não pode deixar-se de dizer aos nossos amigos leitores que não viram e gostam de saber tudo que connosco se passa, que, este ano não só aumentou o triplo a assistência, como também aumentou o carinho daquela boa gente. Foi lindo o nosso espectáculo como sempre. Não sou só eu que digo, mas sim os vários jornais que circulam na província.

Depois destas actuações continuei a viagem final. Em lindo dia cheio de sol nos recebeu a «cidade jardim». No Cavaco corria a habitual brisa vinda do Oceano. Foi através desta que, como se atraído a uma força superior, eu me encaminhei pela avenida que nos leva às nossas obras, que andam em acabamentos. Na casa-mãe já só faltam decorações, tendo já no refeitório as mesas frias de mármore que irão ser alvo de muitos alimentos, não só aos actuais setenta e cinco como já no próximo ano a mais vinte e cinco. E depois, é o que Deus quiser. «Ele» lá anda a arranjar-nos o novo ninho, e, nós confiamos que dentro de breves anos a realidade dos cento e cinquenta é louvada.

Na Serralharia reina a alegria de dentro em breve ter as suas máquinas.

Na Carpintaria, como sempre, reina a falta de madeiras. Sem elas nada feito. Pois é com elas que se

vão fazer vários objectos, para as decorações. Aliás, o Snr. Padre Manuel já te falou nisso amigo leitor! E, também te disse que se tivesses algo que em tua casa «estorve ou não faça falta», é só enviáres para a nossa casa de Benguela. Já cá temos alguma coisa, mas ainda não chega, porque a casa é grande e... os cantos vazios é feio vê-los. Sabes amigo leitor do que precisamos, pois te foi dito no «Famoso» há alguns números atrás no... «Areias do Cavaco». Até lá esperarmos mais uma vez pela tua boa amabilidade e... solução!

Obrigado amigo leitor e, «não deixes para amanhã o que podes fazer hoje».

Adeus e até à próxima se Deus quiser.

João Evangelista

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

Foi há dias. Ele vinha acompanhado da mulher. O aspecto de ambos diz que passam mal. A cara é o melhor atestado!... para quem está habituado a lidar com os Pobres.

Trazia uma receita para aviar. E mais: uma factura do Hospital de S. João, onde em tempos fora atendido! Desfiou o rosário. Já sabemos, aliás, a maior parte. Pois havíamos-nos interessado pelos seus problemas que, na altura própria, endossámos ao Secretariado da Acção Social, cujo trabalho é uma ajuda eficaz aos precários limites de uma Conferência Vicentina — por melhor organizada que seja.

Sr. Carlos, quando se via aflito batia à porta da assistente social do Secretariado. Era um apoio que minorava aflições. Agora, porém, doente da garganta e do peito, larga a cidade e regressa de mãos vazias a Paço de Sousa com mulher

TOJAL

A mocidade de hoje, caros amigos, carece de sentimentalismos verdadeiramente profundos que façam compreender a realidade das coisas, que existem na Terra. Os jovens de agora só pensam na música extravagante desses conjuntos musicais que só sabem fazer barulho e criar novos modelos de penteados que muitas vezes dão até para fazer tranças.

A juventude de hoje, de todo o Mundo, não sabe ou não deseja procurar aquela paz que muitas vezes o Santo Padre Paulo VI suplica a todas as pessoas principalmente a nós jovens, falando nos jornais, na televisão ou publicamente. Ainda há bem pouco tempo vi e ouvi na televisão, uma notícia que anunciava que todos os jovens chineses estavam de acordo com o seu Presidente da República. Acerca daquilo que se prevê que aconteça em todo o Mundo. Por isso aqui expressamos o nosso desgosto ao sabermos que a mocidade não procura aquela paz que muitas vezes o Santo Padre nos fala nos discursos que profere. O jovem de hoje não sabe o caminho do ideal que muitas vezes ambiciona nos seus pensamentos constantes e é por isso que anda perdido pela maré da vida não sabendo libertar-se. Se todos nós jovens acreditássemos nas realidades que nos são postas diante de nós nos dias que se vão passando, talvez um dia compreendêssemos o ideal que procuramos com tanta ambição.

e filhos. Já tinha Caixa. Estava inscrito e descontava. Mas, nas Caixas, os actuários são prudentes com o deus milhão... E vai daí, a pergunta nossa muito inocente, responde que estando inscrito há 10 meses, os benefícios só contam a partir dos 12!! A prudência do mundo do dinheiro! E aqui temos, infelizmente, outro caso que por Justiça nos transcende. Por dois meses cai uma família ao abandono — e nas mãos da Caridade Cristã! Ora não há melhor investimento — entre todos os investimentos — e nisto são concordes economistas e sociólogos inspirados no Evangelho — não há melhor investimento que olhar pela saúde física, o mesmo é dizer pela saúde moral e espiritual dos trabalhadores, da Nação. Que importam lá os dois meses, que importa meio ano?! Os homens estabelecem prazos, mas o sentido de Justiça do Evangelho não estabelece nenhum e é bem claro. Nós é que o escurecemos — quando muito bem nos apetece!

O QUE RECEBEMOS — Aqui vai a **precissão** das migalhas. Mas é tão certa, tão perseverante, tão cheia de Espírito que pomos sempre de parte o dinheiro e olhamos mais para o íntimo cristão de cada um dos seus devotos.

Abre a Cova da Iria, com 35\$00. É o **óvulo da viúva!** O seu marido, falecido há pouco, (sobremos logo pelos diários e no momento invocamos o Senhor) era nosso velho amigo. Foi o primeiro clínico das terras da Senhora de Fátima. Ela aqui vai com o pensamento naquele que Deus pôs a seu lado. Tanto assim que, em palavras simples, afirma que o «Famoso» **pode continuar a vir em nome de meu marido.** As Mulheres cristãs falam e actuam assim, na vida e na morte, que é o princípio do Fim.

Faustino Noémia e filhos seguem com 20\$00. Lúcia Carrilho, com 50\$00. «Quinta da Vaqueirinha», com o mesmo. Finalmente os costumados 40\$00 da perseverante assinante 17022.

Para todos um muito obrigado. E que Deus lhes pague.

Júlio Mendes

Ainda há bem poucos anos realizou-se em Lisboa, em vários estádios da capital, uma reunião em que a maior parte dos jovens compareceram de boa vontade e entusiasmo. Foi uma reunião de paz unidos à Igreja, em que os jovens de uma maneira geral souberam imprimir a tão sublime cerimónia o seu apreço e veneração.

No panorama cinematográfico a imoralidade é a base de tudo o que se desenvolve dentro de um estúdio em que se realiza um filme. Lamentamos imenso que a maior parte dos jovens escolham de preferência filmes imorais e sem nexos e alguns com uma história bastante fraca para nos poder divulgar o seu valor moral que, como já disse, não tem nenhuma espécie de moralidade.

Há também filmes que são bastante moralizados neste ou naquele aspecto de procurar desenvolver na mente de cada um o seu valor artístico e moral.

Quero-vos falar também da moda, que é como assim dizer, um deus que existe na Arábia e que se adora constantemente através dos tempos. Os nossos jovens preferem é andar sempre na moda, que tão famosos costureiros criam de ano para ano.

Joaquim Martins

Visado pela
Comissão de Censura

SETÚBAL

CURSO — Estiveram entre nós, durante oito dias, 2 Irmãs da Casa, de S. Vicente de Paulo, de Lisboa, que aqui vieram para fazer um Curso de Iniciação Catequística.

Tudo correu da melhor maneira e os 12 rapazes que o frequentaram, prepararam-se agora para fazer o exame, que será no próximo dia 2 de Outubro e Deus queira que todos fiquem bem.

PRAIAS — Já começaram há cerca de dois meses. Foram em primeiro lugar os **mais pequenos** que já terminaram o seu tempo e agora está a malta média.

Este ano o sistema de praia foi diferente dos anos anteriores. Como a praia fica perto, levamos o almoço de manhã e só regressamos à tarde. Mas em anos futuros, se Deus quiser, já não será assim, pois pensa-se em construir uma casa na praia.

LAR — Acabou-se de concluir a última placa. Já começámos com o telhado. Vamos gastar muitas telhas e não queres tu, querido amigo, compartilhar connosco na sua construção? Não nos queres dar uma telha? Pois cá esperamos por ela.

ANIVERSÁRIO — Fez no passado dia 15 de Agosto, 10 anos que o Snr. Padre Acílio foi chamado por Deus ao Sacerdócio.

Começamos o dia por nos reunirmos em volta do altar em acção de graças por Deus nos ter dado um sacerdote. E que o continue a iluminar com a sua Graça como o tem feito até agora.

Ficam aqui expressos os nossos votos para que continue a ser cada vez melhor na verdade e no caminho de Deus.

OFICINAS — Já foram inauguradas e começaram a funcionar em grande velocidade. Tipografia e Carpintaria já montadas começam a despachar trabalho. E a Serralharia? Esta oficina é que nem sequer máquinas tem e são tantos os rapazes que querem aprender Serralheiro! Não! hes poderás valer tu?

E por falar em oficinas lembro a alguém que tenha um relógio de parede e não lhe faça falta...

Vamos ver quem é o primeiro a levantar o dedo?

Laurindo Ferreira Lopes

Acaba
de
sair
o
livro

Ovo de Colombo

Se não é assinante da nossa Editorial e deseja possuir mais esta obra de Pai Américo, basta fazer o seu pedido de remessa em um simples bilhete postal.



TRIBUNA de Coimbra

A semana passada foi uma semana cheia. Cheia de acontecimentos grandes para a nossa vida da família.

No primeiro dia o Senhor veio buscar minha mãezinha para o Céu. Veio muito de mansinho pela porta larga e dolorosa da doença com que a mimoseou e a fez desprender deste pobre mundo.

Seja bendito o Nome do Senhor, agora e para sempre.

x x x

Os nossos rapazes mais velhinhos passaram três dias na Senhora da Piedade O local e o ambiente, só por si, são um retiro. Procuramos todos os anos realizar este encontro. É um encontro consciente à procura do Senhor. Muitos O têm encontrado.

A Obra da Rua é obra de filhos de Deus. Começa pelo corpo para chegar ao espírito. Vê o homem completo. O homem que não cultiva o espírito é cadáver. A Obra que não cuida da vida total dos seus membros é falhada.

Os rapazes regressaram radiantes. Vinham todos em festa.

x x x

O retiro dos rapazes terminou com o casamento do Crisanto e da Natércia. O Crisanto está conosco há dezassete anos. Ocupou seus lugares de responsabilidade e foi fiel. Hoje é professor primário e a mulher também.

A missa de casamento teve sentido de comunhão, tal foi o entusiasmo e a participação de todos.

O Crisanto mereceu este casamento. Os casamentos nas nossas casas são sinal de vitória e exemplo de perseverança. Vale bem a pena ser-se fiel para merecer estes dias grandes.

x x x

No dia seguinte, domingo, setenta dos mais velhos acordaram cedo, em alvoroço. Uma empresa de camionetas, sempre amiga, tinha posto uma

das maiores ao nosso dispor.

O centro do dia foi Fátima. Este ano cinquentenário é um ano especial da história da Pátria e um ano de muitas graças para o seu Povo. À chegada a Fátima foi um mundo de êh!... quando os primeiros avistaram a torre da Basílica. A nossa missa na capela do Calvário húngaro e o terço junto das Aparições foram os actos grandes. Todos compraram lembranças, cada um a seu gosto.

Na passagem pela Batalha, procurámos ali relembrar um pouco os feitos grandes da nossa História e também recordámos os homens valentes nas armas e na arte que ali estão presentes.

No regresso passámos em Tomar. O parque da cidade chamou-nos e prendeu-nos. Subimos também ao Convento de Cristo, mas o guarda não nos deixou andar à vontade e não gostámos do pobre homem.

Demos um pulo à barragem do Castelo de Bode. A imensidade de água e a altura do paredão tocaram a sensibilidade. Os nadadores ficaram entusiasmados.

Com o adormecer do Sol regressámos a casa, felizes e mais cheios.

Cumprimos o programa e ficámos roucos de cantar. Foi um dia todo!

Foi uma semana toda!

Padre Horácio

Ovo de Colombo

O correio da Editorial, apesar de numeroso ainda, sofreu uma ligeira quebra! Mas tornará a avivar... se Deus quiser.

No entanto, as cartas chegadas até nós são braza, que arde e queima no mais íntimo. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

Vamos à primeira, que é de Seia:

«Recebi o livro do nosso Pai Américo — Ovo de Colombo — que devorei primeiro, e saboreei depois. Eu, pobre criatura!; não tenho palavras... O que poderia eu dizer!? Nada! Nada! Apenas agradecer a Deus o ter-me posto nas mãos, por vosso intermédio, aquele desdobramento do Evangelho. Obrigada. Deus vos ajude».

O poder de síntese revela grandeza d'alma!

O «Ovo de Colombo» faz sangue. Faz, sim senhor. Mas o que arde cura. E quantas ressurreições ele vem operando desde que pela primeira vez viu a luz do dia em 1954, quantas?!

Olhai para a coragem desta Ribatejana:

«Recebi o Ovo de Colombo que devorei num momento. Agora, fica para meditação.

Doeu-me o que Pai Américo diz do Ribatejo. É que eu sou ribatejana e embora lá não resida, receio sofrer do mesmo mal que Pai Américo nos aponta. Peço-vos uma oração por minha intenção».

O seu depoimento, minha senhora, abre os olhos a muita gente. Os olhos da cara e, sobretudo, os olhos da alma.

Como gostamos mais da palavra do Leitor que da nossa, não resistimos a fechar o ecran desta procissão cheia de Fé, Esperança e Caridade, sem bandeiras nem velas, sem opas nem foguetes. Por isso, aí vai mais uma carta de estremecer. É de um português residente em Bristol — América do Norte:

«Recebi os vossos livros que me enviaram, (6 volumes) escritos pelo Padre Américo. Não lhe vou agradecer como ó da praxe, porque não há forma nenhuma de agradecimento que traduza o que na realidade merecem.

sas, do continente ou ultramar. Ao fim e ao cabo, no meio desta desorganização organizada, as indicações pró livro ou pró jornal — até chegarem ao sítio — passam por muitas mãos! E, por isso, e em resumo, se o postal for injusto, vai nele inserto um remédio adequado: Se por ventura já tiver liquidado, tenha a bondade de nos prevenir, para que assim possamos actualizar a sua ficha. Muito simples: à gaiato! Confiamos.

sem respeitar o nome exacto de inserção, isso gera práqui uma série de problemas (muitos irresolúveis) e consequentes perdas de tempo. Por exemplo: uns, com delicadeza extraordinária, desobrigam-se anónimamente — mas com nome e endereço completo nos ficheiros. Outros ainda, com máxima simplicidade, remetem importâncias sem destino marcado. Será pró jornal? Será pró livro? Para que será? Todos procuramos resolver os enigmas. Também sucede o marido desobrigar-se pela esposa e vice-versa. O irmão pela irmã, idem — sem especificar o nome do inscrito. Uma carga de trabalhos! Esta uma perspectiva.

A outra é bem mais dolorosa. Gosta o leitor de fazer contas com os pequenos vendedores do «Famoso». A graça dos moços. O interesse amigo pela vida palpitante da nossa Obra, — encontro suspirado quinzenalmente! Mas, um ou outro dos vendedores, por falta de cuidado e o mais, perde e desfaz as indicações do assinante... Quanto aos simpáticos cicerones da nossa Aldeia o panorama é mais ou menos idêntico. Além disso o assinante — e muito bem! — faz contas em qualquer uma das nossas Ca-

Principiei pelo «Obra da Rua». (Tenho por hábito sublinhar tudo que num livro me agrada). Se o devolvesse... já não o reconheceriam! É tudo riscos, notas à margem e algumas lágrimas rebeldes caídas sobre suas preciosas páginas. Chego quase a arrepender-me de o ter pedido! Aquilo não é leitura vulgar, é vida, é doutrina de Cristo pura, é revolução no nosso interior... é como se tivesse ingerido uma misteriosa droga com o poder de separar o bem do mal! Isto me atormenta, faz-me pensar no quanto bem que podia ter feito e não fiz e quanto mal podia ter evitado e não evitei. Não é mais cómodo lastimar (tantas vezes!) os nossos infortúnios e julgarmo-nos o centro do Universo, a ter de incluir em nosso pensamento uma quota-parte da responsabilidade dos infortúnios do nosso Próximo? Não é mais práctico deixar cada qual levar sua cruz conforme pode e fecharmo-nos no nosso egoísmo, esquecendo aquele grande mandamento — Amar a Deus sobre todas as coisas e ao Próximo como a nós mesmos?

Padre Américo entende que não; em cada frase nos arma uma cilada e nos obriga a pensar com o coração! Ele é Mestre na arte de dissecar consciências, e o faz com tal mestria, que julgo não haver possibilidade de lhe escapar, lendo-o.

Mas, caso curioso, depois nos sentimos mais valorizados, na nossa pequenez reconhecemos que afinal valemos alguma coisa, e este valor está em relação com o bem que devemos praticar. Assim Deus deixa de ser para nós uma figura abstracta e passa a ter uma configuração material no nosso Próximo. Quantos tardiamente reconhecem esta verdade? Serei eu um deles? Deus o sabe...»

Quando o Carpinteiro de Nazaré Se revela como é e procuramos ouvir e segui-lo, gera destas revoluções — «Deus deixa de ser para nós uma figura abstracta e passa a ter uma configuração material no nosso Próximo». Ó carta!

Júlio Mendes

Pra terminar o recado, registamos um desabafo do nosso carteiro, que hoje vinha a bufar!: Porque não dividem os postais com a estação de Cête? Não damos conta deles em Paço de Sousa!... Gemem pelo trabalho; é natural. Nós também. E, pobres que somos, mais ainda pelo aumento da taxa a partir de 1 de Outubro!

Júlio Mendes

Um recado aos assinantes do «Famoso» e da Editorial

O escritório da Tipografia e do «Famoso» é actualmente um mar de gente: malta da expedição do jornal, ocupada com a edição anterior e uma data de eventuais — os estudantes do Lar do Porto — de caneta em punho dirigindo postais aos senhores caloteiros do «Famoso» e da Editorial!

Este género de serviço, que vai ao encontro do desejo da maioria dos leitores, noutros lados — por via do senhor deus milhão — faz-se com extrema meticulosidade e ocupa talvez certo número de funcionários privativos. Aqui, porém, é obra praticamente de eventuais. Este ano já foram seminaristas em férias; agora, os nossos estudantes. E houve que dobrar a parada! Porque os C. T. T. anunciaram ultimamente cobrar a taxa de \$50 (eram \$20) pelos avisos impressos a partir 1 de Outubro!! Um exagero. O aumento dizem, não é por razões de ordem económico-financeira. Sim, para reduzir nas centrais dos C. T. T. montanhas de impressos que prejudicam, segundo afirmam, o manuseamento do correio normal!!

Ora para a gente poupar uns centos de escudos, uns contos de reis mesmo, até 1 de

Outubro, resolvemos mandar diariamente centenas e centenas de postais pró correio, tanto prós assinantes do «Famoso» como da Editorial. Está de faxina Marito (que breve segue pró Ultramar), Stick, Raimundo, Cobrita, Tónio, Soutelo, etc. Tão grande agitação que Avelino — a calma personificada — já se exasperou! (Ou seria só pelo guarda chuva escondido pelos tipógrafos?... São uns malandros!...) Não há dúvida que — mais impetuoso — eu chego também ao fim do dia queimado pela sinfonia barulhenta da malta da lenha e dos homens da caneta! Deus permita, no entanto, poucas avarias no endereço dos postais; e ausência delas noutro sentido: seguirem deles para quem já se desobrigou. Quem dera! Neste particular temos, porém, um esclarecimento oportuno: Amigos há que desconhecem, ainda, o número de assinantes do «Famoso» (mais de 30.000) e que, por ser tamanho, obriga a uma certa ordem adentro da nossa célebre desorganização organizada. Quero dizer, as fichas dos assinantes do livro (mais de 3.000) e do jornal estão em ficheiros próprios, ordenadas alfabeticamente. Por isso, quando um leitor se nos dirige





AS NOVAS POCILGAS DO TOJAL.

Aqui Lisboa

Regressou o último grupo de Rapazes da nossa casa de praia em S. Julião da Ericeira. Foram momentos felizes aqueles que ali viveram os Jovens a nós confiados, que servirão de base a evocações mais ou menos saudosas, próprias da idade, nas quais se vislumbra já a esperança dum retorno. Queremos agradecer, em ponto final, as atenções e carinho recolhidos das responsáveis da Colónia Mário Madeira, bem assim a generosidade a todos instantes patenteada pelas vendeiras da praça e pelos pescadores da Ericeira, sem olvidar a «Senhora do carro», que, não poucas vezes, se deu ao «luxo» de transportar os nossos Rapazes até nossa casa. Bem hajam todos.

x x x

Queremos intensificar a expansão de «O Gaiato» na Capital. Não seria difícil, com um pouco de boa vontade e compreensão, chegarmos aos 15.000 a 20.000 jornais mensais. Os nossos pequenos vendedores sentem por vezes dificuldades quase intransponíveis e nem sempre encontram facilidades por parte de todos, algumas vezes de modo inesperado e injusto. O pregão que lançam parece perturbar alguns, mesmo entre os cristãos que frequentam as igrejas, ou um ou outro Pároco mais zeloso dos interesses(?) das respectivas paróquias. As queixas sentidas que às vezes nos fazem não deixam de constituir preocupação. As suas mãos calejadas pelos trabalhos nos campos ou nas oficinas, o suor derramado nas lidas variadas e complexas dum casa, como a nossa, deveriam merecer respeito e con-

sideração. Abandonados pelos pais ou pelas famílias deveriam sentir à sua volta o bafio carinhoso duma sociedade que teima em dizer-se cristã mas não o é de facto. O pequeno jornal que apregoam é um mensageiro de paz e, se não traz notícias escandalosas ou de interesse palpante à moda do mundo, procura fornecer às almas de boa vontade temas de meditação em ordem a uma vida mais feliz e autêntica. Não se compreende, pois, a razão de ser de certas atitudes.

Voltando ao nosso propósito de intensificar a venda de «O Gaiato» em Lisboa, vimos solicitar aos nossos Amigos que secundem com todo o interesse esta iniciativa. Há muito poucos escritórios onde os nossos vendedores têm en-

netrar em meia centena de repartições ou companhias seria excelente. Uma vez de quinze em quinze dias não perturbaria o trabalho ou a disciplina a venda do nosso pequeno jornal. O tempo perde-se doutras maneiras e a disciplina toda a gente sabe como se perturba... Interessa apenas atingir as pessoas que leiam o jornal; comprar e deitá-lo fora é coisa que não vale a pena. Contamos com a amizade provada de todos aqueles que lêem «O Gaiato» e sabem bem que não se trata de um pasquim qualquer.

x x x

Uma pequena notícia sobre as nossas obras, para aqueles que estão sempre ávidos de novas. Os esgotos gerais da Aldeia estão quase prontos. Trata-se de trabalho moroso e de não pequeno dispêndio. É no entanto de base, como o é o do abastecimento de água. Está-se a abrir um poço e outros se seguirão com o tempo. Os aviários estão na fase dos acabamentos e as oficinas implantadas. E é tudo, por hoje.

Padre Luís

A Obra da Rua em MOÇAMBIQUE

Cont. da PRIMEIRA página

Do dia 1 ao dia 4 estará em Azurara um padre missionário, com vários anos de Moçambique, que ajudará a edificar na mente dos nossos ideais mais vivas daquilo a que vamos de do meio que nos aguarda.

Dia 4 à tarde regressarão a Paço de Sousa onde, dia seguinte, será o casamento do João, que vai também para Lourenço Marques. Este e sua noiva têm feito algo para to-

marem consciência do sentido profundo do matrimónio que se vão ministrar. E nesta ordem aqui estivemos ontem os três, pensando temas e discorrendo sobre o que será mais oportuno oferecer como meditação na festa do casamento, aos irmãos que, de perto ou de longe, caminham para dia semelhante.

Nos bastidores, a actividade ferve. É P.e Zé Maria que se desprende dos seus encargos e vai induturiando P.e Abraão, seu sucessor. É o princípio de ano lectivo com consequente e normal remodelação dos nossos quadros. É a escolha entre centenas de necessidades, das dez mais urgentes, dos dez rapazes mais nossos, que hão-de ter ordem de chamada para ocupar a vez dos que ora partem para Moçambique. É a substituição, nunca fácil e agora particu-

Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página

«E — é grato reconhecê-lo — muitas famílias legítimas se sentem vinculadas por estes deveres e se esforçam por assimilar os filhos ilegítimos de alguns dos seus membros, os quais se integram assim plenamente na vida colectiva desta instituição e por vezes contribuem até para a fortalecer e engrandecer».

O Autor refere-se à comunhão da família legítima na «gravíssima responsabilidade» em que incorreu algum dos seus membros, que a leva a solidarizar-se com ele no cumprimento do «gravíssimo dever de, na medida do possível, atenuar o mal que causou».

Ora esta comunhão que se percebe estar, na mente do Autor, aureolada como emanção de uma grandeza de alma invulgar, talvez o seja na verdade, mas por falta de educação das consciências que confundem Justiça e Caridade e julgam que o indevido segundo as leis dos homens, não pode ser exigível pela LEI de Deus.

Também cá por baixo no mundo dos Pobres e dos que se debruçam sobre as suas necessidades, nós deparamos muitas vezes com a entronização do «insigne benfeitor», como se este, fazendo o bem que pode, não estivesse apenas cumprindo o bem que deve e assim dando boa conta da lição aprendida do Mestre e habilitando-se a uma classificação distinta LÁ onde o «bendito de meu Pai» é dirigido aos que deram os seus bens e se deram aos irmãos da sua própria vida, por força do exemplo do Irmão mais velho, Jesus Cristo.

Portanto, quando o Autor da lei declara logo a seguir, em toada fatalista: «Tudo isto, porém, constitui simples remédio para um mal em si mesmo irremovível, e remédio — note-se bem — que pressupõe precisamente a fortaleza e o prestígio da família legítima» — dizemos nós, com esperança e optimismo, que a lei se nivele precisamente pela fortaleza e prestígio das famílias

larmente difícil, dos chefes que partem para África e que a tropa leva. É um mundo de cuidados que nos põe a cabeça à roda e faz a nossa felicidade.

Que os nossos leitores, a quem revelamos, como a gente nossa, membros da Família de fora-dos-muros, estas notícias singelas, mas prenhes de amor, que desejamos dinâmico e fecundo, como é da essência do amor, as acolham com sentimentos análogos aos que nos possuem quando lhas dirigimos; e nos respondam com os seus dons, com o dom fundamental da mesma ânsia de Bem, posta nas mãos do Senhor.

que têm estas virtudes por norma e assim se remove, se não todo o mal, pelo menos «se atenua (mas atenua mesmo!), na medida do possível, o mal que os pais ilegítimos causaram» ao «gerar seres humanos sem as condições imprescindíveis, que só a família pode assegurar».

Uma Carta

«Perdoe-me o tempo que lhe venho tomar aos seus múltiplos afazeres. Mas acontece que me lembrei de recorrer à sua boa vontade em acudir aos que precisam, para lhe expor a situação dolorosa em que se encontra um operário que nós conhecemos. Trabalhava este operário na ponte Salazar quando teve a pouca sorte de cair da mesma tendo sido hospitalizado. Como estava seguro, este paga-lhe 2\$50 (diários!) e foi despedido por incurável, e agora vive do que lhe dão. Para ter onde dormir paga, quando tem, 5\$ por noite, num quarto com dimensões diminutas, onde dormem mais 8 ou 9 homens! Este homem o que mais o amarga é não poder trabalhar, pois como ele diz «nunca pedi esmola», mas a queda que deu afectou-lhe a espinha.

Lembrei-me se seria possível, recolhê-lo no Tojal, onde poderia fazer serviços leves, de limpezas e pelo facto de ficar perto de Lisboa, poderia continuar a receber o seguro ainda que miserável. Ao que nos parece, deve ter quarenta e cinco ou quarenta e seis anos, é muito humilde e creio bem que tem bons sentimentos.

O Senhor Padre me responderia com a certeza de que qualquer sugestão que me dê será aceite. De facto não vejo solução para esta situação. Trabalhou duas semanas a substituir um guarda, creio de uma casa ou armazém, mas quando o que ali trabalhava regressou, ofereceram-lhe para transportar madeiras, o que ele não pode fazer de forma alguma, e por isso foi despedido».



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE